

XXVI

Uma lição

Na reunião da noite de 2 de Setembro de 1954, no momento habitual das instruções, fomos surpreendidos com a visita de Joaquim, um irmão cuja identidade não nos é possível fornecer.

Apreciando-lhe o comunicado, será interessante recordar que, algum tempo antes, fora socorrido em nossa agremiação.

Surgira revoltado e infeliz. Dizia-se molestado por fortes jatos de água fria e alegava estar sendo dissecado vivo numa aula de medicina anatômica. Afirmava sentir pavoroso sofrimento e lembramo-nos perfeitamente de que repetia, a cada passo, entre lágrimas: — "como é possível aplicar semelhante procedimento a um homem vivo? não há justiça na Terra?"

Regressando ao nosso Grupo na noite referida, Joaquim esclareceu-nos porque sofrera a pena de talão em toda a sua dureza de "olho por olho e dente por dente", fazendo-nos sentir que nos reencarnamos para crescer em virtude e entendimento, cabendo-nos a obrigação de praticar o bem, dentro de todas as possibilidades ao nosso alcance, para renovarmos as causas que preponderam em nosso destino, segundo a Lei de Causa e Efeito.

Realmente, a palestra de Joaquim é uma preciosa lição para nós todos, convidando-nos a aproveitar, com o máximo de nossa boa vontade e de nossas forças, a presente romagem que desfrutamos na Terra.

Há meses, abrigastes meu Espírito em vossa estação de pronto-socorro espiritual.
E volto para trazer-vos notícias.
Simples é o meu caso.
Entretanto, é uma lição e todas as lições que

falam de perto aos vivos acordados depois da morte certamente interessam aos que jazem, por enquanto, adormecidos na carne.

Minha derradeira máscara física era a de um pobre homem, que tombou na via pública, num insulto cataléptico.

Tão pobre que ninguém lhe reclamou o suposto cadáver.

Conduzido à laje húmida, não consegui falar e nem ver, contudo, não obstante a inércia, meus sentidos da audição e do olfato, tanto quanto a noção de mim mesmo, estavam vigilantes.

Impossível para mim descrever-vos o que significa o pavor de um morto-vivo.

Depois de muitas horas de expectativa e agonia moral, carregaram-me semi-nu para a câmara fria.

Suportei o ar gelado, gritando intimamente sem que a minha boca hirta obedecesse.

Não posso enumerar as horas de aflição que me pareceram intermináveis.

Após algum tempo, fui transportado para certo recinto, em que grande turma de jovens me cercou, em animada conversação que primava pela indiferença à minha dor.

Inútilmente procurei reagir.

Achava-me cego, mudo e paralítico...

Assinalava, porém, as frases irreverentes em torno e conseguia ajuizar, quanto à posição dos grupos a se dispersarem junto de mim...

Mais alguns minutos de espera ansiosa e senti que lâmina afiada me rasgava o abdômen.

Protestei, com mais força, no imo de minha alma, no entanto, minha língua jazia imóvel.

Tolerando padecimentos inenarráveis, observei que me abriam o tórax e me arrebatavam o coração para estudo.

Em seguida, um choque no crânio para a trepanação fez-me perder a noção de mim mesmo e desprendi-me, enfim, daquele fardo de carne viva

e inerte, fugindo horrorizado qual se fôra um cão hidrófobo, sem rumo...

Não tenho palavras para expressar a perturbação a que me reduzira.

E, até agora, não sou capaz de imaginar, com exatidão, as horas que despendi na correria martirizante.

Trazido, porém, à vossa casa, suave calor me regenerou o corpo frio.

Escutei as vossas advertências e orações...

E braços piedosos de enfermeiros abnegados conduziram-me de maca a um hospital que funciona como santa retaguarda, além do campo em que sustentais abençoada luta.

Banhado em águas balsâmicas, aliviaram-se-me as dores.

Transcorridos alguns dias, implorei o favor de vir ao vosso núcleo de prece, solicitando-vos cooperação para que todos os cadáveres, constrangidos aos tormentos da autópsia, recebessem, por misericórdia, o socorro de injeções anestésicas, antes das intervenções cirúrgicas, para que as almas, ainda não desligadas, conseguissem superar o "pavor cadavérico" que, depois da morte, é muito mais aflitivo que a própria morte em si.

Em resposta, porém, à minha alegação, um de vossos amigos — que considero agora também por meus amigos e benfeitores —, numa simples operação magnética, mergulhou-me no conhecimento da realidade e vi-me, em tempo recuado, envergando o chapéu de um mandarim principal...

O rubi simbólico investia-me na posse de larga autoridade.

Revi-me, numa noite de festa, determinando que um de meus companheiros, por mero capricho de meu orgulho, fôsse lançado em plena nudez num pátio gelado...

Ao amanhecer, recomendei-lhe furtassem os olhos.

Mandei algemá-lo qual se fôra um potro selvagem, embora clamasse compaixão...

Impassível, ordenei fôsse ele esfolado vivo...

Depois, quando o infeliz se debatia nas vascas da morte, decidi fôsse o seu crânio aberto, antes de entregue aos abutres, em pleno campo...

Exigi, ainda, lhe abrissem o abdômen e o tórax...

Reclamei-lhe o coração numa bandeja de prata...

O toque magnético impusera-me o conhecimento de minha dívida.

As reminiscências de sucessos tão tristes confortavam-me e humilhavam-me ao mesmo tempo.

Em pranto, nas fibras mais íntimas, indaguei dos mentores que me cercavam:

— Será, então, a justiça assim tão implacável? Onde o amor nos fundamentos da vida?

Alguém que para vós aqui se movimenta, à feição de generosa mãe de todos (1), explicou-me com bondade:

— Amigo, viveste na indiferença e a ociosidade atrai sobre nós, com mais pressa, as consequências de nossas faltas. E' por essa razão que a justiça funciona matematicamente para contigo, já que não chamaste a luz do amor ao campo de teu destino.

Compreendi, então, que se houvesse amado, cultivando a árvore da fraternidade, decerto que outras sementes, outras energias e outros recursos teriam interferido em minha grande tragédia, atenuando-me o sofrimento indescritível.

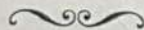
E' por isso que, como lembrança, trago-vos a lição do meu *passado-presente*, com a afirmação de que tudo farei para aproveitar os favores que estou recolhendo, recordando a vós outros — e talvez seja este o único ponto valioso de minha humilde visita-

(1) O comunicante refere-se a Melmel. — Nota do organizador.

ção — a palavra do Evangelho, quando nos deixa entrever que só o amor é capaz de cobrir a multidão de nossos pecados.

Que a humildade e o serviço, a boa vontade e as boas obras nos orientem o caminho, porque, com semelhante material, edificaremos o elevado destino que nos aguarda no grande porvir, para exaltar a justiça consoladora — a justiça que é também misericórdia de Nosso Pai.

JOAQUIM



XXVII

Bom aviso

Rematando as nossas tarefas, na noite de 9 de Setembro de 1954, José Xavier, nosso amigo espiritual, senhoreou as faculdades psicofônicas do médium, passando a conversar conosco em versos.

Alguns de nossos companheiros, antes da reunião, haviam encaminhado a palavra, em nosso templo de preces, para assuntos menos edificantes, relacionando queixumes e reprovações com apontamentos picantes de permelo.

José Xavier, contudo, veio ao nosso encontro, e, alertando-nos para os nossos deveres, deixou-nos a excelente advertência que ficou intitulada "Bom Aviso".

Meus irmãos, em benefício
De nossas reuniões,
Preparando as nossas preces,
Lavemos os corações.

Já que na Terra é difícil
Viver sem o "*leva e traz*",
Pelo menos, por minutos,
Preservemos nossa paz.

Alcançando as seis da tarde,
Para que o mal nos esqueça,
Desinfetemos a boca
E arejemos a cabeça.

Se a discussão nos procura
Com razão ou sem razão,
Pronunciemos palavras
De bondade e de perdão.